

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOVAS ESTAÇÕES ARQUEOLÓGICAS DO SUDOESTE DE ANGOLA. RESUMO.

JORGE, Vítor Manuel Oliveira

Ano: 1975 | Número: 85

Como citar este documento:

JORGE, Vítor Manuel Oliveira, Novas estações arqueológicas do Sudoeste de Angola. Resumo. *Revista de Guimarães*, 85 Jan.-Dez. 1975, p. 109-126.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Novas estações arqueológicas do Sudoeste de Angola (Resumo) (1)

Por VÍTOR M. DE OLIVEIRA JORGE
assistente da Fac. de Letras do Porto

1.

Ao falar-se de «Sudoeste de Angola», convém desde já esclarecer que esta expressão não deve ser aqui entendida no seu sentido corrente, mas naquele que lhe deu o pré-historiador J. Desmond Clark, em 1966 (2). Trata-se de uma das três zonas de distribuição das indústrias pré-históricas neste país, abarcando uma vasta região compreendida pelo Sudoeste genericamente considerado e pela faixa litoral entre as escarpas da Montanha Marginal e o mar, desde o rio Cunene a sul até à foz do Cuanza, a norte; as duas regiões restantes são a do Congo, ocupando todo o Norte do país, e a do Zambeze, abrangendo o Sudeste e parte do Leste. Isto é, o Sudoeste assim considerado é uma faixa de território limitada a ocidente pelo oceano e a oriente por uma linha curva que, em arco, e genericamente, passa por Luanda, Nova Lisboa e Pereira d'Eça.

(1) Comunicação apresentada no III Congresso Nacional de Arqueologia (Porto, 1973). O texto completo deste trabalho — o qual, mesmo assim, era uma mera notícia preliminar — foi entregue para publicação, com mais amplas possibilidades de espaço para texto e ilustrações, na «Revista dos Cursos de Letras da Universidade de Luanda», Sá da Bandeira (volume I). Esta revista, porém, não chegou a concretizar-se, e ao autor não foram devolvidas as ilustrações e respectivas legendas, em que se fazia um primeiro estudo analítico de muitas das peças recolhidas nas estações em causa.

(2) «The Distribution of Prehistoric Culture in Angola», p. 17.

As estações arqueológicas a que vou referir-me incluíam-se em dois distritos desta região: distrito da Huíla, concelho do Lubango — *jazidas líticas n.º 1 dos Barracões e n.º 1 do Rio Capitão*; distrito de Benguela, concelho da Ganda — *povoado fortificado da Quitavava*.

Deve dizer-se que esta zona pré-histórica do Sudoeste é, depois da da Lunda, no Nordeste, aquela em que em Angola se conhece maior número de estações pré-históricas, desde o Paleolítico antigo à Idade do Ferro; todavia, a zona do Nordeste contou com a colaboração de cientistas como Janmart, Breuil, Leakey, e sobretudo J. Desmond Clark, nalguns casos relativamente longa, possibilitada pelos Serviços Culturais da Companhia dos Diamantes de Angola, enquanto que a faixa sudoeste a que me reporto não tem sido objecto de estudos tão demorados por parte de pré-historiadores da envergadura dos acima citados, muito embora variados investigadores a tenham visitado e aí realizado trabalhos. Assim, se no Nordeste temos uma sequência estratigráfica e cultural já bastante pormenorizada, susceptível de fornecer sólida base aos estudos que agora porventura se venham a efectivar, no Sudoeste encontramos ainda perante referenciais muito pobres, sobretudo no que diz respeito a uma cronologia do Plistoceno, mas também para as épocas mais recentes. Indústrias líticas, manifestações de arte rupestre, indústrias cerâmicas, técnicas de metalurgia, recintos muralhados — eis alguns campos da arqueologia do Sudoeste a pedirem estudos de pormenor que nos permitam distribuí-los numa sequência cultural precisa, determinando os grupos tipológicos neles presentes e a exacta mancha geográfica que cada um abrange.

Este trabalho irá permitindo subdividir a grande mancha cultural do Sudoeste considerada por Desmond Clark, em unidades menores, correspondentes, tanto quanto possível, a culturas bem balizadas no espaço e no tempo. E, assim, será certamente muito útil a comparação da realidade arqueológica do Sudoeste de Angola (pelo menos no sentido comum, estrito, desta expressão), com a do Sudoeste Africano, bem como de outras regiões limítrofes, comparação essa quiçá mais instrutiva do que com o Nordeste do país, cuja Pré-história se liga à bacia do Congo, a complexos culturais «de

floresta», bem diferentes portanto (1). Aliás, deve acrescentar-se que essa marcada diferença se prolonga em épocas mais adiantadas: por exemplo, não há, na região da Lunda, amuralhados ou povoados fortificados como os que se encontram nas zonas do Huambo ou Lubango, notando-se antes nessa região a presença de «pembos» ou trincheiras defensivas (2).

Parece pois impor-se, no Sudoeste de Angola, e partindo dos trabalhos pioneiros que revelaram a sua riqueza arqueológica (3), o estudo aprofundado de várias estações com estratigrafia, que nos permitam, antes de mais, reconstituir uma sequência cultural tão ampla quanto possível, apoiada, sempre que tal seja viável, em datações absolutas. Sobre este primeiro quadro evolutivo escorado em cuidadosas observações estratigráficas, assentaria um trabalho de escavações sobretudo *topográficas* (como aconselha Leroi-Gourhan), procurando definir solos de ocupação tão completos quanto possível naquelas estações estratigrafadas. Assim, pois, e esquematicamente, à sondagem sucederia uma escavação em área nessas estações que se tivessem revelado mais prometedoras, tendente à reconstituição de modos de vida e de formas de organização do espaço habitado (4).

Explicitadas estas finalidades, de realização a longo prazo, convém esclarecer que a presente comunicação é apenas uma simples nota preliminar, descritiva, sobre três estações começadas a estudar recentemente pelo

(1) H. Breuil e António de Almeida, *Introdução à Pré-história de Angola*, «Estudos sobre Pré-história do Ultramar Português», Lisboa, Junta de Inv. do Ultramar, vol II, pp. 159-163.

(2) Comunicação de J. Vicente Martins (Museu do Dundo).

(3) Entre outros, recorde-se os trabalhos de Fernando Mouta, Camarate França, António de Almeida, Machado Cruz, Santos Júnior, Carlos Ervedosa, etc.

(4) Torna-se óbvio, em termos de desenvolvimento da Pré-história como ciência, que a escavação topográfica corresponde a um questionário de paleoantropologia cultural, representando, assim, uma fase de maior maturação em relação às intenções diacrónicas genéricas da Pré-história de primeira metade do nosso século, dominada pela figura de Breuil. É o nascimento do que Gourhan chama uma «etnologia pré-histórica», afirmada no seu recente trabalho, de colaboração com Michel Brézillon, sobre a estação madalenense de Pincevent (arredores de Paris).

autor, e nas quais os trabalhos ficaram por enquanto ao nível do início de prospecções sistemáticas — Jazida 1 dos Barracões e Jazida 1 do Rio Capitão — e da sondagem prévia — povoado da Quitavava. No caso das duas primeiras estações, as investigações realizadas integravam-se na fase inicial de preparação de um trabalho de conjunto sobre a Pré-história da região da Huíla; no da última, relacionavam-se com o levantamento arqueológico do concelho da Ganda, e mais particularmente com um estudo do povoamento pré- e proto-histórico dos *inselberge* ou montes-ilhas da zona Cubal-Ganda, encetado pelo autor⁽¹⁾, e que deveria ser continuado por uma equipa de seus alunos.

Em qualquer das duas áreas arqueológicas, porém, as estações aqui abordadas são apenas exemplos, considerados significativos, de um panorama arqueológico muito vasto, de que ainda não entrevemos os limites. Por exemplo, na zona da cidade de Sá da Bandeira (ou Lubango), a que pertencem as duas jazidas líticas citadas, são conhecidas dezenas de jazidas paleolíticas de ar livre, bastando citar a da Mitcha, a da Mapunda, as jazidas 1 e 2 do rio Ongolo, a jazida 2 do rio Capitão, a da Missão Católica do Munhino, as da estação zootécnica da Humpata, etc., etc.; na zona da Ganda, podem aproximar-se, sob vários aspectos, da estação da Quitavava, o «abrigo 1 da Ganda»⁽²⁾, o povoado fortificado da serra do Hondio, o lugar fortificado da Pumbala, entre outras estações⁽³⁾. Em todos estes locais, iniciaram-se estudos cuja continuação nos elucidará sobre o verdadeiro contexto arqueológico das estações que a seguir genericamente se apresenta. Aliás, o seu significado só poderá ser totalmente esclarecido, no caso das jazidas líticas, quando a quem as estudar for dada a possibilidade de colaboração com um geomorfologista; e no caso da estação da Quitavava, quando se possuir um mais profundo conhecimento histó-

(1) V. artigo do autor, *Alguns estudos arqueológicos na região da Ganda*, «Diário de Lisboa», 8 e 15 de Novembro de 1973, suplemento literário.

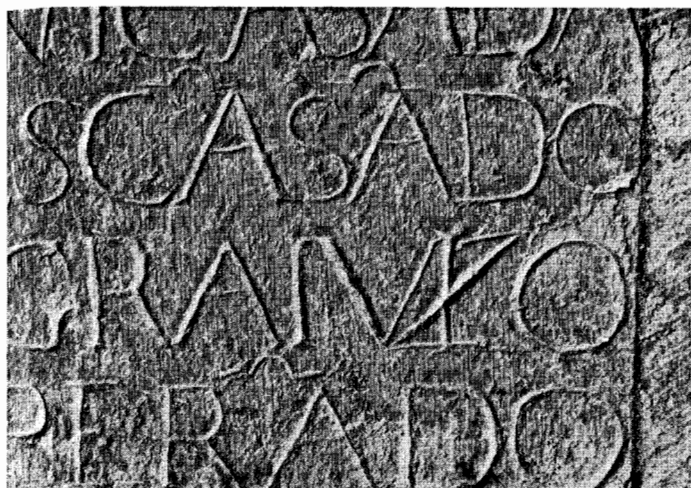
(2) *Vide* trabalho sobre as cerâmicas desta estação apresentado por Susana O. Jorge ao III Congresso Nacional de Arqueologia, e integrado no próximo volume desta Revista.

(3) Consulte-se o artigo citado, *Alguns estudos arqueológicos na região da Ganda*.

Est. I







Est. IV



Est. V



Est. VI





IN HUIUS VIRTUTE PRIUS
HOC EST SEPULCHRUM
DOCTORIS EMMANUELS
JOSEPHI DE FIGUEIREDO
LOBO/SILVA. QUI
OBIIIT DIEM SUPREMUM
INDIE 28 OCTUBRIS

DE 1835
IAM TU ET NON SUM
VOS ESTIS ET NON ERITIS

NAO N RAJE A PRIMEIRA
QUALIDADE DO HOMEM
AQUI JAZ O D.^o MANO
EL JOZE DE FIGUEIRE
DO LOBO SILVA QUE
FALECEU A 28 D'OUTU
BRQ DE 1835

JA EXISTE E NAO EXISTO
VOS Q' VOS EXISTIS HU
DI ADEIXAREIS DE EXISTIR

rico e etnológico do planalto de Benguela. Nestes termos, o presente artigo representa um possível arranque para uma tarefa imensa.

2. JAZIDA LÍTICA PRÉ-HISTÓRICA N.º 1 DOS BARRACÕES (LUBANGO)

2.1 *Localização geográfica*

São as seguintes as *coordenadas geodésicas* de um ponto central da área até agora explorada:

13º 32' 10" Long. E. Green.
14º 50' Lat. S.

Segundo a «Carta de Angola» na escala de 1/100000, dos Serviços Geográficos e Cadastrais de Angola, folha 336, Sá da Bandeira (Fig. 2).

2.2 *Descoberta e trabalhos realizados*

Foi detectada pelo autor em Março de 1973, após ter observado algumas peças nela recolhidas por preparadores da Universidade, por haverem suspeitado do seu significado arqueológico.

No dia 22 de Março de 1973 foi feita abundante recolha num dos terraços da jazida (terraço III), a algumas dezenas de metros do cemitério ali existente; mais tarde, as pesquisas estenderam-se para leste desse ponto central, cerca de 300 metros no máximo. Em Setembro de 1973, a estação foi revisitada várias vezes, e numa delas o Prof. Ilídio do Amaral (da Univ. de Lisboa), a pedido do autor, conduziu uma primeira análise aos vários terraços fluviais que na jazida se distinguem. Em Outubro de 1973 começou-se a elaborar um perfil desses terraços e intensificaram-se as prospecções em torno da área já conhecida; essas prospecções levaram à descoberta de uma nova jazida lítica, cerca de 300 metros para Sudoeste desta, a Jazida 2 do Rio Capitão (já atrás referida).

Várias aulas práticas de Pré-história foram dadas no local, nos anos lectivos de 72-73 e no de 73-74. Num das aulas de Novembro de 1973, começaram a explorar-se os terraços da margem esquerda do rio Caculuar, na zona fronteira à jazida; trata-se de uma nova área na qual se teriam de realizar intensivas prospecções.

2.3 *Descrição geográfica do local e condições de jazida*

A jazida lítica pré-histórica n.º 1 dos Barracões situa-se a cerca de 3 km para este da cidade de Sá da Bandeira (ou Lubango), em terraços do rio Mapunda ou Caculuar (rio afluente do Cunene), o qual atravessa aquela cidade e se dirige para leste. Acede-se facilmente à jazida pela estrada não asfaltada que conduz ao local dos Barracões, assim designado porque nele se instalaram, em habitações improvisadas, os primeiros colonos portugueses do planalto onde se encontra actualmente a cidade de Sá da Bandeira. De início, as nossas recolhas fizeram-se, precisamente, entre a escola primária e o monumento alusivo aos «povoadores da Huíla» ali existentes, e o cemitério onde repousam alguns desses povoadores. A estrada de acesso ao cemitério, paralela ao rio, assenta sobre o Terraço III (Fig. 4) e, como não é asfaltada, é possível recolher-se materiais aí mesmo, à superfície; todavia, as recolhas mais abundantes e cientificamente seguras, foram praticadas do lado sul dessa estrada, nos terrenos imediatamente adjacentes, onde é bem visível a cascalheira parcialmente *in situ* (Fig. 7), embora apenas com cerca de uma a duas dezenas de centímetros de espessura em alguns pontos.

Cerca de 200 a 300 metros para leste deste local, os terraços do rio Caculuar são cortados por vários afluentes, temporários, os quais puseram a descoberto, em certos pontos, uma cascalheira de pouca espessura, por vezes limitada a uma linha mais ou menos horizontal de calhaus rolados, observáveis também da estrada que, saindo do asfalto, se dirige para o pequeno monumento acima referido. O maior desses afluentes abriu um vale encaixado, com paredes laterais verticais que em certos pontos atingem 3 a 4 metros de altura; nesses cortes surge-nos o granito da base, muito alterado

(transformado em areão grosso), encimado por areias de terraço. Este afluente situa-se perto da estrada atrás referida, sendo-lhe aproximadamente paralelo. Para o seu pequeno vale foram sendo arrastados abundantes materiais talhados, provenientes de cascalheiras de terraços superiores da jazida. Aí também as recolhas foram abundantes; algumas das peças dessa zona apresentavam, aderentes, pedaços de laterito.

Raras recolhas de peças foram feitas no Terraço II da jazida, com 4-7 metros de altura e cerca de 60 metros de largura em certos locais; porém, aí as pesquisas estão ainda no seu começo; o terraço baixo, Terraço I, de 1,5 a 2 m de altura, e cerca de 14 metros de largo em alguns locais, constituído sobretudo por sedimentos finos, não nos revelou até hoje qualquer peça. Assim, foi o terraço III, com cerca de 9 a 12 metros de altura e uma largura, em certos pontos, de cerca de 110 metros, que até hoje nos forneceu a maior parte das peças recolhidas. Todos estes terraços, nitidamente divididos por soleiras, foram objecto de levantamento de um perfil na direcção NW-SE, e têm correspondência na outra margem do rio, em patamares escalonados a cotas mais ou menos semelhantes. Aí são também abundantes os materiais líticos, cuja recolha foi iniciada. Além de todos estes trabalhos já encetados, deveriam ser praticados cortes na jazida, para colher material argiloso, cujos componentes poderiam ser determinados na Universidade de Luanda.

2.4 *Breve conspecto dos materiais recolhidos*

Esta jazida forneceu até hoje 1.427 peças líticas (sem contar com materiais recolhidos no terraço II), provenientes do terraço III (embora uma pequena percentagem destas possa ter sido arrastada de uma zona mais elevada da jazida, um eventual terraço IV). Estas peças estão arquivadas no Museu dos Cursos de Letras da Universidade de Luanda, onde começaram a ser inventariadas e estudadas por fichas-tipo. A matéria-prima predominante é o quartzito, cuja provável origem se encontra na cornija arenítico-quartzítica que encima as montanhas que circundam o *plateau* de Sá da Bandeira. É possível distinguir vários graus de pátina-desgaste, desde

uma pátina castanho-escura ou amarelada, até à sua quase ausência, em peças com arestas vivas e facetas brilhantes. Pode adiantar-se desde já uma divisão tipológica genérica do material nos seguintes grupos:

- Lascas* (retocadas, utilizadas, ou residuais) — 1.237
- Núcleos* (ou utensílios nucleiformes) — 144
- Seixos afeixoados* — 36
- Outras peças* — 10 (7 bifaces ou utensílios afins;
2 *hachereaux*; 1 *pico triédrico*).

É, pois, enorme a percentagem das lascas sobre os outros grupos (cerca de 86% do total); os núcleos, que se seguem em importância, representam apenas cerca de 1% do total da amostragem.

A tipologia dessas lascas é muito diversa, e será estudada num próximo trabalho consagrado à descrição das indústrias. Adiante-se porém que é grande a percentagem de lascas residuais; as dimensões variam também muito, sendo mais frequentes as lascas de tamanho médio, mas não estando ausentes lascas de enormes dimensões, com 15 cm e mais de comprimento. Estão presentes pontas, raspadores, denticulados, etc.; todavia, a grande maioria é de lascas atípicas. Relativamente abundantes são peças tipo «*Middle Stone Age*», a condizer, aliás, com o que se observa nos núcleos.

Relativamente a estes, nota-se a ausência de típicos núcleos *Levallois*, muito embora sejam abundantes núcleos de tipo «mustierense», discóides, com o plano de percussão preparado e negativos de lascas dispostos circularmente na face de levantamento; alguns atingem extraordinária perfeição. Abundam, paralelamente, os núcleos globulosos ou muito irregulares. Cite-se ainda o caso de um espesso núcleo piramidal.

Natural é que, no material certamente redepositado que estudo, estejam representadas várias épocas; precisá-las seria um dos próximos objectivos futuros. De momento, a estação parece integrar-se numa *Middle Stone Age* com ausência de técnica *Levallois*, dada a pouca percentagem de bifaces e *hachereaux* que nela se encontram, e o facto de a maioria dessas peças apresentar pequenas dimensões, e significar muito possivelmente uma sobrevivên-

cia de peças de tradição de Paleolítico inferior; também se não encontram tipos que apontem para uma «*Late Stone Age*», pelo menos com a suficiente consistência estatística. Todavia, o estudo da estação está nos seus inícios, e não se pode afastar a hipótese de vir a surgir um fundo de *Acheulense superior*, bem como, no terço II por exemplo, uma *facies* de «*Late Stone Age*». Assim, devem ver-se as conclusões esboçadas como provisórias, e ainda apresentadas sob reserva.

3. JAZIDA LÍTICA PRÉ-HISTÓRICA N.º 1 DO RIO CAPITÃO (LUBANGO)

3.1 *Localização geográfica*

Coordenadas geodésicas de um ponto central da área já prospectada:

13º 31' 56" Long. E. Green.
14º 50' 50" Lat. S.

segundo o documento cartográfico atrás citado (Fig. 2).

3.2 *Descoberta e trabalhos realizados*

Foi detectada pelo autor, acompanhado por uma equipa de alunos e um funcionário de Universidade que chamou a atenção para o possível interesse do local, nos fins de Maio de 1973. Nessa primeira deslocação, reconheceram-se cascalheiras *in situ*, e, na zona de uma delas, semi-incrustado, à superfície, recolheu-se um perfeito biface de tipo acheulense; em torno, numa área de algumas dezenas de metros, os materiais líticos, aproximáveis na generalidade dos dos Barracões, eram muito abundantes. A zona foi prospectada durante os primeiros dias de Junho, e rigorosamente cartografada.

3.3 Descrição geográfica do local e condições de jazida

Situa-se a cerca de 1,5 km para sul da jazida anterior, e a aproximadamente 3,5 km para SE da cidade de Sá da Bandeira. Quem, saindo de Sá da Bandeira para leste, tomar a estrada que conduz ao aeródromo da cidade, encontrará, entre o Bairro de Santo António e o Chioco, à sua esquerda, a jazida 1 dos Barracões, em terraços do Caculuvar; à sua direita, a Jazida 1 do rio Capitão, em terraços que se crê poderem atribuir-se a este último rio, afluente daquele.

O rio Capitão nasce na serra, a sul, para sudeste do monumento ao Cristo-Rei; atravessa a linha do caminho de ferro e uma pequena estrada não asfaltada; a partir daí, recebe na sua margem esquerda três afluentes principais antes de chegar à estrada asfaltada. É nessa área, prolongando-se para leste até à fábrica de tijolo ali existente, que se situa a jazida. Mais uma vez esses afluentes cortam os depósitos de terraço; estes são também revelados por «picadas» de abertura recente, visto que a zona se encontra na área de expansão da cidade, e se têm erguido construções industriais e de habitação. Aqui os depósitos de terraço, ainda em estudo (há pelo menos dois níveis bem diferentes) encontram-se em certos pontos cobertos por couraças lateríticas. Esses depósitos são em certos locais constituídos por cascalheiras com abundantes materiais talhados, alguns totalmente absorvidos pelo laterito, e repousando directamente sobre a rocha apodrecida, alterada, e esta sobre o *bed-rock*. A associação de laterito a objectos líticos, talhados pelo homem, é comum na região de Sá da Bandeira, como se observa ao km 9 da estrada Sá da Bandeira-Chibia, onde o signatário recolheu algumas lascas *in situ* (1).

(1) Como se sabe, geologicamente o laterito é uma «rocha sedimentar alogénica, de precipitação química, cuja génese está relacionada, por um lado, com clima quente e húmido possuindo duas estações bem definidas que, segundo se admite em geral, está na origem de um conjunto de processos geoquímicos que conduzem a certos tipos de alteração das rochas, e por outro lado, com formas de relevo planas, tendendo para a horizontalidade (...), que impliquem drenagem deficiente» (Monteiro Marques, Enciclopédia Verbo, artigo «Laterito»). Trata-se de formações, segundo a mesma

Nem só cascalheiras *in situ* nos apresenta esta estação; também aí ocorrem com frequência cascalheiras superficiais e, como nas primeiras, o material lítico pré-histórico que contém é abundantíssimo.

3.3 *Breve conspecto dos materiais recolhidos*

Encontram-se depositadas nos Cursos de Letras da Universidade 421 peças líticas desta jazida; todavia, trata-se ainda de uma pequena amostragem, a exigir futuras prospecções, que melhor traduzam a importância da estação. A distribuição dos materiais já recolhidos em grupos tipológicos muito genéricos é a seguinte:

Lascas (retocadas, utilizadas, ou residuais) — 358

Núcleos (ou utensílios nucleiformes) — 54

Seixos afeiçoados — 7

Outras peças — 2 (um biface e um *hachereau*).

Assim, a percentagem das lascas é muito semelhante à da estação dos Barracões: 85% aproximadamente; só a dos núcleos é um pouco superior: cerca de 12%. Porém, outras recolhas são necessárias para trabalharmos com uma amostragem semelhante nas duas estações. Além disso, seria precipitado querer tirar conclusões de índices tão gerais, como é evidente. Todavia, de um ponto de vista tipológico mais preciso, esta estação não parece diferir muito da dos Barracões; apontando-se como exemplo o caso dos núcleos, onde de novo predominam os núcleos globulosos ou irregulares e os de tipo mustierense, discóides, e se nota ausência de típicos núcleos *Levallois*. A propósito, diga-se que tais formas *Levallois*, típicas, estão já presentes noutras esta-

fonte, atribuíveis, conforme os casos, ao Terciário, ao Plio-plistocénico ou à actualidade. No que diz respeito a algumas formações lateríticas da área de Sá da Bandeira, como as desta jazida, parece possível tratar-se de depósitos plistocénicos, dada a sua aparente associação a peças paleolíticas; todavia, a solução definitiva do problema compete a geólogos.

ções que se situam para oeste de Sá da Bandeira, como em Capangombe, no sopé da Chela, na jazida da Chitandalucua (descoberta em 1973 pelo autor), perto do Dombe Grande, ao sul de Benguela, em prováveis terraços de rio Coporolo, e a da Ponta Negra, uma jazida de seixos afeiçoados do litoral ao norte de Moçâmedes.

Também no tocante a matéria-prima, o panorama da jazida 1 do rio Capitão é aproximadamente o mesmo da estação dos Barracões: predomina um quartzito de grão fino, cristalino, de forma a permitir um talhe cuidado. Já no que diz respeito à pátina-desgaste, o que se observa nesta jazida do rio Capitão é muito diferente, pois a maioria das peças apresenta pátina mínima ou nula, o que pode dever-se, em parte, às condições de jazida das mesmas: inclusão, até uma época recente, em cascalheiras de algum modo «seladas» pelo laterito, que as preservou de um ataque dos agentes erosivos. Trata-se de uma hipótese ainda a ser confirmada; porém, o contraste com a jazida dos Barracões é evidente, pois nesta última muito do material do terraço III e de um provável terraço IV deve ter sido transportado de outros locais, antes de se incorporar nas cascalheiras. O mesmo já não parece ter acontecido na jazida 1 do rio Capitão.

Foi dado início ao estudo analítico das peças aqui recolhidas.

4. POVOADO FORTIFICADO DA QUITAVAVA (GANDA)

4.1 *Localização geográfica* — coordenadas geodésicas:

14° 45' 5" Long. E. Green.

12° 56' 15" Lat. S.

Segundo a «Carta de Angola» na escala de 1/100000, dos Serviços Geográficos e Cadastrais de Angola, folha 254, Quinjenje (Fig. 3).

4.2 *Descoberta e trabalhos realizados*

Foi descoberta há alguns anos ⁽¹⁾ pelo P.^e Dr. José Rocha, pároco da povoação fabril do Alto Catumbela, e amador de arqueologia, a quem agradeço ter-me comunicado o achado e orientado a minha primeira visita ao local em Abril de 1973, altura em que me encontrava na Ganda com uma equipa de alunos da Universidade, realizando escavações no chamado «abrigo 1». A decifração de problemas que esta última escavação levantou, e a consciência, que me ficara da primeira visita, de que se tratava de uma estação muito importante pelas dimensões e complexidade de aspectos de que se revestia, impuseram a realização de uma curta campanha de escavações em Agosto de 1973 (cerca de 15 dias), durante a qual, com a colaboração de alunos e a ajuda de uma equipa de trabalhadores, se procedeu à escavação de duas das estruturas do povoado (certamente, fundos de habitações) e a uma sistemática prospecção e recolha em todo ele, após se terem numerado quase todas as suas estruturas.

Trata-se, como escrevi algures, da mais grandiosa estação arqueológica até agora conhecida no Concelho da Ganda, cujo estudo só poderá ser realizado ao longo de muitos anos de trabalho, e de numerosas campanhas arqueológicas, providas dos necessários meios materiais, que aqui terão de ser extraordinariamente amplos, sem o que nunca se poderá efectivar o trabalho de conjunto que a estação exige. Antes de mais, o seu levantamento topográfico impõe-se, bem como a sua classificação como monumento de interesse nacional.

4.3 *Descrição da estação*

Situa-se no Alto Catumbela, a oeste e nas proximidades da fábrica de celulose da antiga Companhia de Celu-

⁽¹⁾ Não é possível pormenorizar a data da descoberta, pois o seu autor não chegou a comunicar-ma. Todavia, adiante-se que a mesma descoberta foi divulgada pelo jornal «Prumo» de Benguela, em 1972, numa notícia onde a estação é impropriamente referida como uma «citânia».

lose do Ultramar Português; ocupa o alto de um *inselberg* granítico, com 1.387 metros de altura máxima absoluta, e cerca de 150 metros de desnível em relação ao fundo do vale em redor, a cerca de 7,5 km para SW. da povoação da Babaera.

Por si só, esta estação representa um enorme complexo defensivo, constituído, a oeste, por patamares artificiais delimitados por lajes graníticas e no interior preenchidos com terra, precisamente onde o ataque era mais fácil, o declive menos acentuado e a existência de uma única muralha impossível. Em dois pequenos vales dessa zona, poderia mesmo ter-se praticado uma restrita agricultura de subsistência, quando a ameaça do inimigo impedia a natural utilização das férteis terras de todo o sopé do morro, onde a população deveria ter as suas cubatas em época de menor perigo. Aí, a fertilidade dos terrenos era devida aos depósitos das aluviões do rio Catumbela; aliás, este era uma importante fonte de água, e não é casual o encaixe da estação numa zona envolvida por um meandro do rio (1).

Noutros pontos, quando existia um «colo» apertado, este era cortado por uma muralha de lajes graníticas horizontais, assim possibilitando a defesa. A população vivia, com toda a probabilidade, em cubatas feitas com pequenos troncos de árvores e barreadas (do que se encontra abundantes vestígios); as bases dessas estruturas eram formadas por pequenas lajes graníticas, dispondo-se horizontalmente em duas ou mais fiadas, entre as quais se entalavam os troncos, servindo, portanto, de base de sustentação dos mesmos, bem como das terras que, transportadas do vale, enchiam o interior da construção, fornecendo o chão térreo a que os seus utentes estariam habituados em condições de paz. Esta terra assim concentrada permite o crescimento de tufos de abundante capim, que na época das chuvas encobrem completamente as estruturas. Quando

(1) Na opinião do Prof. Ilídio do Amaral, que perfilho, seria muito interessante tentar apurar os eventuais métodos agrícolas praticados no interior deste *inselberg* em épocas de impossível expansão para o seu exterior, pois se deveria tratar de métodos extremamente minuciosos e cuidados de agricultura, destinados a aproveitar os poucos recursos em espaço e água existentes no alto do rochedo.

devidamente eliminado, logo surgem à vista materiais resultantes da decomposição da estrutura ou reveladores das actividades que se exerceram dentro de cada uma delas. Muito embora os fundos de cubata mais frequentes sejam os de planta circular, nota-se, por vezes, associada a esses, uma estrutura semi-circular; noutros casos, duas estruturas circulares estão ligadas, aparentemente por pequenos muros rectilíneos. Trata-se, sempre, de pedra vã, tanto nas estruturas de povoado como nas muralhas. As construções circulares teriam, regra geral, entre 3 e 5 metros de diâmetro. Dispõem-se sempre, ou quase sempre, em grupos; num caso, verificámos uma disposição «em estrela», com uma cubata mais importante (isto é, de maiores dimensões, e maior espessura de depósitos interior) central, num dos pontos mais elevados do povoado, a sugerir a habitação de um chefe.

Se pensarmos que esta estação deverá possuir cerca de quinhentas estruturas das mencionadas, poderemos formular uma hipótese acerca do número de pessoas que terá vivido no alto deste rochedo (isto no caso das construções serem contemporâneas, e se terem destinado todas, ou quase todas, a habitação): algo como cerca de mil indivíduos. Este número muito aproximado dá uma ideia de importância da estação. Tem-se falado muito de recintos muralhados em Angola, sem que até agora, aliás, tenha havido um sério esforço no sentido do seu estudo sistemático; por outro lado, esquece-se que talvez não possamos, pelo menos por ora, falar de tais amuralhados como um todo, pois é muito possível que tenham pertencido a épocas muito diferentes entre si. De facto, a sua tipologia varia muito de lugar para lugar, e quer-nos parecer que convém distinguir desde já, pelo menos entre recintos muralhados do tipo do do Óci (Vila Folgares, Cunene), e *inselberge* fortificados como encontramos na região da Ganda, Nova Lisboa, etc. (tipo Pedras do Candumbo, e vários outros cujo estudo se iniciou). Para estes últimos, poderíamos, muito provisoriamente, indicar a Quitavava como estação-tipo.

O hábito dos povos africanos se refugiarem, perante um ataque, no alto de inacessíveis «pedras», é bastante remoto e perdurou até uma época bem recente. Disso nos dão testemunho descrições de antigos viajantes e relatórios de colunas militares já do início deste século.

Ao falar-nos da organização guerreira dos povos do distrito de Benguela, Augusto Bastos (1) diz-nos que «usam defender-se em pontos fortificados pela natureza, como as montanhas e as embalas. Aí, escondidos por detrás dos pedregulhos e das grandes árvores, atiram sobre o inimigo, que difficilmente lhes acerta. Não fazem a guerra em campo descoberto; mas sim por emboscadas e surpresas.

«Há embalas que são verdadeiras fortalezas inexpugnáveis, de difficilimo acesso (...).

«Para chegar ao cume é preciso percorrer os seus sinuosos caminhos, de gatas, agarrando-se a gente às pedras e às raízes.

«A embala do Chinjenji tem furnas entre os seus pedregulhos. Em tempo de guerra, o gentio recolhe-se a essas furnas e daí atiram sobre o inimigo, que é completamente dizimado se não retirar.»

Considerando pois esta tradição das populações da região, é difficil uma datação exacta da estação da Quitavava. Sem dúvida que ela se liga, como veremos a seguir, a populações que conheciam a técnica da metalurgia do ferro; mas, mesmo assim, ficamos perante uma indefinição cronológica de alguns séculos, não podendo evidentemente afastar a hipótese de uma datação relativamente recente, como os finais do século passado ou os princípios deste, tanto mais que sabemos de exemplos concretos de povoados fortificados de Angola construídos por essa época. Se estivesse certa a hipótese de Childs segundo a qual as construções de pedra entre os indígenas de Angola seriam um produto da influência de primitivas fortalezas portuguesas, então talvez que as fortificações da Ganda não fossem anteriores ao séc. XVIII, ou quando muito ao século anterior. Porém, não reflectirá esta hipótese daquele investigador o bem conhecido preconceito de que as populações da África Negra seriam tradicionalmente alheias a uma arquitectura de pedra, isto é, com carácter permanente?... Só a continuidade do estudo sistemático que mal comecei a empreender na região poderá vir a solucionar a questão.

(1) «Traços Geraes da Ethnographia do Districto de Benguella», pp. 54 e 55.

Mas se essa solução for no sentido de atribuir à Quitavava e estações congêneres uma data relativamente recente, isso em nada diminui o interesse do seu estudo, fundamental pelo que nos pode revelar sobre a vida quotidiana das populações da Idade do Ferro — relativamente remota ou tardia — do planalto de Benguela. É que, como é bem sabido, a Pré- e Proto-história das populações africanas negras veio em muitos casos quase até aos nossos dias. E, por isso, num primeiro momento do trabalho como é aquele que descrevo, a metodologia a aplicar no campo tem de ser sempre uma metodologia de tipo pré-histórico, embora a longo prazo atenta ao que a história e a tradição oral possam oferecer-lhe. Foi isso que se procurou fazer.

4.4 *Breve conspecto dos materiais recolhidos*

Os materiais recolhidos até hoje na Quitavava são já da ordem de mais de um milhar de peças. A maior parte provém de recolhas realizadas à superfície, no interior dos fundos de cabana ou nos seus arredores, previamente sinalizados por meio de um número de ordem. Entre tais peças, convém referir fragmentos de vasos cerâmicos, na sua maioria lisos; alguns são porém decorados, sobretudo com incisões em motivos geométricos. As peças líticas são abundantes, como lascas atípicas, seixos afeiçãoados, núcleos, raspadeiras nucleiformes, algumas lâminas, etc., sobretudo em quartzito. Não há praticamente nenhum fundo de cubata que não apresente à superfície pedaços de barro de barrear, com impressões dos ramos a que esteve encostado. Num desses fundos de construção descobriu-se um pedaço de algaraviz (tubo de fole de ferreiro), cerâmico, e em muitas das estruturas, restos de escória de fundição de ferro. Pôde mesmo recolher-se, em determinada construção, uma barra de ferro rectangular, muito provavelmente resultante de trabalhos de fundição realizados no local; essa circunstância nada tem de estranho pois, em caso de cerco prolongado, necessitaria a fortificação de dispor do trabalho de ferreiros para a constante produção das pontas ou lâminas metálicas das suas armas.

A descoberta de um tubo de fole de ferreiro é bastante significativa, pois tubos análogos surgiram noutras estações da região, como na Pumbala (outro *inselberg* fortificado), na Serra do Hondio (também uma fortaleza), e numa oficina de fundição de ferro conhecida pela designação de «abrigo 1», na qual foram realizadas escavações, e recolhidos carvões na mesma camada dos tubos, permitindo uma possível datação pelo carbono 14. A semelhança tipológica dos exemplares cerâmicos exumados em todas estas estações, permite acreditar numa possível relação cultural; aliás, também no «abrigo 1» da Ganda se reconheceu a inequívoca associação estratigráfica de peças de pedra talhada e de testemunhos cerâmicos, e outros ligados à fundição do ferro, muito embora a tipologia das peças líticas do «abrigo 1», de aspecto geral microlítico, seja muito diferente das da Quitavava.

BIBLIOGRAFIA

- Amaral, Ilídio do, *Inselberge (ou montes-ilhas) e superfícies de aplanção na bacia do Cubal da Hanba, em Angola*, «Garcia de Orta», Vol. XVII, n.º 4, 1969, pp. 475-526.
- Bastos, Augusto, «Traços Geraes da Ethnographia do Districto de Benguella», Famalicão, 1911, 2.ª ed.
- Breuil, H. e António de Almeida, *Introdução à Pré-história de Angola*, «Estudos sobre Pré-história do Ultramar Português», Vol. II, Lisboa, Junta de Inv. do Ultramar, 1964, pp. 159-163.
- Childs, Gladwyn Murray, «Umbundu Kinship and Character», Londres, International African Institute, 1949.
- Clark, J. Desmond, «The Distribution of Prehistoric Culture in Angola», Lisboa, Companhia dos Diamantes de Angola, Public. Culturais, n.º 73, 1966.
- Clark, J. Desmond, «A Pré-história da África», Lisboa, Verbo, s./d., Col. «Historia Mundi».
- Jorge, Susana Oliveira, *Vasos cerâmicos do «Abrigo 1» da Ganda (Mariano Machado, Angola)*, a publicar no próximo Volume desta Revista.
- Jorge, Vitor Oliveira, *Alguns estudos arqueológicos na região da Ganda*, «Diário de Lisboa», supl. literário de 8 e 15 de Novembro de 1973 (há separata publicada pelo Museu de Arqueologia dos Cursos de Letras da U. L., 1974).
- Jorge, Vitor Oliveira, *Breve introdução à Pré-história de Angola*, «Revista de Guimarães», vol. LXXXIV, n.ºs 1-4, 1974, pp. 149-170.